

DESP
17/3/97
07

A3

A água no curso errado

O Banco Mundial mandou um recado para os países em desenvolvimento: ou fecham suas torneiras ou terão de investir US\$ 700 bilhões nos próximos 10 anos para não morrerem de sede. Entre eles está o Brasil, uma das nações mais ricas em água do planeta e, ao mesmo tempo, vítima de um grande déficit hídrico. Ao contrário dos países desenvolvidos — que há déca-

Déficit hídrico é combatido com obras gigantescas enquanto desperdício é ignorado

das trabalham para aumentar a produção de suas indústrias sem alterar o consumo de água, tratar o esgoto e reutilizar a água —, nosso país polui cada vez mais seus mananciais. As autoridades, que deveriam administrar o setor atacando pontos diversos de demanda, produção e desperdício, se dedicam apenas à meta de aumentar a oferta de água. Do ponto de vista do rendimento político, é o melhor que podem fazer porque a elevação do abastecimento exige grandes obras muito mais visíveis para o eleitorado do que uma política de controle de demanda ou de reutilização da água.

No caso da região metropolitana de São Paulo, há carência de 9 mil litros por segundo. Dos 60 mil litros por segundo que a Sabesp produz, quase a metade se perde no sistema e, desses, 25% escorrem pelos vazamentos da canalização. Renovar a rede de distribuição para evitar o desperdício, conseguir no setor industrial a reutilização e a economia da água, fixar novas normas para a construção civil como as que vigoram no Japão, onde a água do chuveiro é canalizada para um depósito que serve as bacias sanitárias, por exemplo, são algumas das medidas que deveriam ser adotadas antes de se optar pelos gastos absurdos das grandes obras. As previsões e os planos da Sabesp para o fim do século, no entanto, em nenhum momento incluem medidas simples mas eficientes: pensa-se, ao contrário,

em construir uma adutora ligando as Represas Billings e Guarapiranga, estações de captação nos Rios Juqueri, Juquitiba, Monos, Capivari, Itatinga e Itapahaum — investimentos enormes que não serão, no entanto,

suficientes para que seja atendida a demanda em muito pouco tempo. Especialistas garantem que mesmo que a Sabesp consiga produzir 76,5 mil litros por segundo

no ano 2000 estará, dali a apenas um ano, diante de novo déficit se não controlar a demanda.

A Grande São Paulo só não estará condenada à escassez de água se as autoridades deixarem de se entregar à atração das grandes obras. Com a utilização racional da água e o controle da demanda, a área metropolitana poderá manter o crescimento econômico sem gastar uma gota a mais de água. Na Alemanha, o consumo de água é, hoje, o mesmo registrado em 1975, embora a produção tenha crescido 44% nesse período.

Antes de investir fortunas em adutoras e novas estações é preciso chamar a população para colaborar para a racionalização do uso da água. Isso se faz com regras rígidas que proíbam o despejo do esgoto sem tratamento nos rios. As indústrias, responsáveis pelo consumo de 1/4 da demanda do planeta, devem se unir ao governo de São Paulo para aumentar a porcentagem insignificante de esgoto tratado, hoje mantida em apenas 17%. Além disso, que se fixe como norma básica o reaproveitamento da água. Ainda que não se consiga torná-la potável, essa medida produzirá água suficiente para ser utilizada nos processos industriais. A luta contra o déficit hídrico só poderá ser ganha com a conscientização de que é necessário, antes de tudo, acabar com o desperdício. Em muitos casos, as obras faraônicas serão dispensáveis. Felizmente, para a população.